



MERCADO E PRÉDIO

MERCADO

Um ponto de encontro. Entre o passado e o futuro; entre o tijolo e o aço; entre o rico e o cotidiano, um encontro de diversos.

Este encontro é a função de uma praça, que aparece aqui rompida – essa praça seca ou praça com árvores – para o surgimento de uma praça coberta.

O aço e o tijolo funcionam como símbolos, trabalhados para que funcionem esteticamente juntos.

Uma releitura pós moderna que permite e sobreposição de épocas, símbolos e conceitos.

O contraste do ordenamento e da homogeneidade do tijolo com as formas ilimitadas e dominantes do espaço proporcionadas pelo aço – o aço solto, planando que foge às regras as quais o tijolo segue com mais atenção mantendo sua força pelo próprio material. Material, cor e ritmo são os três itens explorados.

O terreno é foco de passagem e encontro; nó viário importante e guia grande parte do fluxo vindos na Avenida Mauro Ramos rumo ao miolo central. O mercado foi proposto na busca do primeiro uso dado neste local. O conceito de mercado relacionado a trocas, a um evento social que juntava pessoas de localidades diversas, de conversas e encontros se mostrou neste século XXI, em Florianópolis, de extrema importância para o resgate da vida pública, da qualidade e importância de um espaço público de fato. O mercado então como centro de trocas, viabilizado hoje entre os demais empreendimentos comerciais da região, localizado no ponto equidistante entre baía sul e norte - entre o foco mais abastado e o menos - surge como ponto focal. O símbolo do negócio fechado, do acordo – o parto de mãos – foi o conceito chave, como símbolo que daria início ao estudo da forma da edificação. O entrelaçar dos dedos deu origem à estrutura da cobertura em aço do mercado (marcado pelo uso) que se liga à uma torre (que marca a praça pela forma).

O prédio das leituras surge junto ao mercado como um marco, que é o que a praça se propõe. Ocupa um dos cantos do triângulo do terreno e tem seu térreo livre, a fim de jogar o pedestre pra dentro do prédio. Tirando proveito do estreito passeio junto à Rua Emílio Blum, o pedestre se vê forçado a circular pela edificação. Este detalhe identifica o conceito proposto em se incitar o interesse pelo local e não impô-lo. O ordenamento deste térreo dá-se pelo acesso vertical que marca a esquina entre as ruas Hercílio Luz e Emílio Blum e pela grande área semi-fechada dedicada ao mercado.

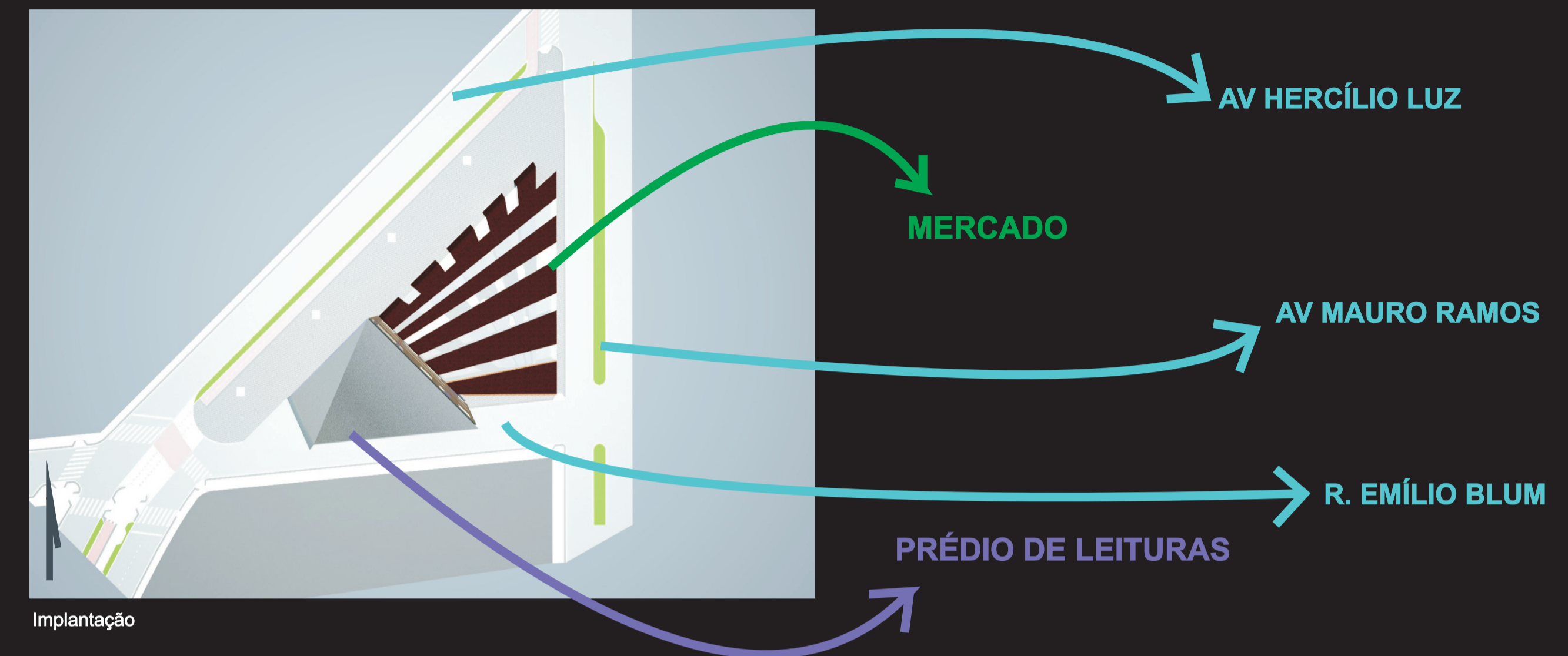
A abertura entre os dedos cria recortes da paisagem além de um ritmo de troca de imagens – tanto pelos que estão dentro, como os de fora da edificação. Esse ritmo é trabalhado ainda pelas diferentes velocidades – de pedestres, ciclistas e automóveis.

A relação de lugar e tempo é percebida por aqueles que estão presentes. E a presença, segundo o tai-chi, requer atenção. Um projeto se quiser ser pensado e percebido por aqueles que o utilizam deve se fazer presente. Interferir no caminho daquele que o pretende atravessar, chocar com luzes, materiais e sua própria concepção em um cenário já repleto de história.

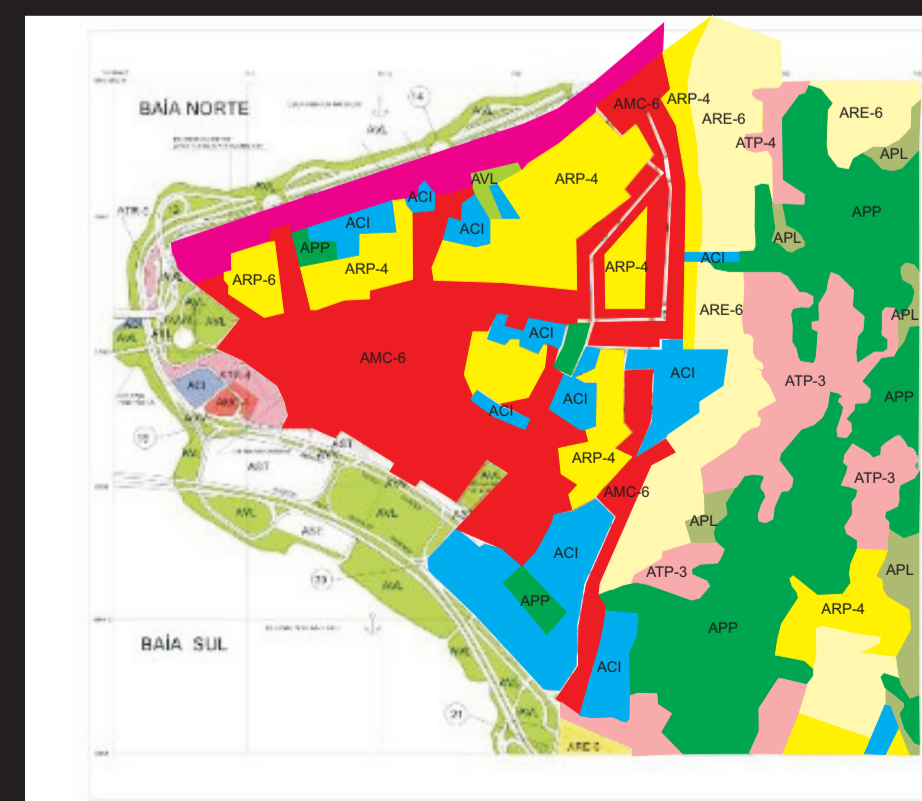
A transformação dessas experiências suscitadas ou permitidas pela edificação em cultura (“transformar experiências em cultura” / “sou natureza e cultura”) é a grande finalidade da edificação.

Um projeto não deve ter a pretensão de transformar qualquer pessoa, “*todo ato civilizador é de barbárie*” (Shorske, 2000), mas permitir que essa desenvolva suas próprias sensações e experimente novos contatos, novos olhares, e que caminhe sempre a liberdade do seu caminho.

O incentivo às leituras, ao conhecimento da História que identifica uma comunidade e a singulariza como grupo, além da preparação de um espaço que abrace e convide trocas comuns do convívio é a busca do projeto em se caracterizar como um alongador de memória – contra a memória curta – ou ainda como fazedor de história – por propiciar espaços de convívio, de contos, de causos e ocasos. A exploração da vida instintiva e a dissolução de fronteiras entre o “eu” e o mundo se dão em espaços onde o coletivo é onipresente.



Vista a partir do morro do Antão



O lote está localizado em AMC-6: Área Mista Central; de uso urbano, localizado em zona urbanizada. Permite gabarito máximo entre “12 e 18 pavimentos nas AMC-6 utilizando a transferência de índice”.

Zona urbanizada são as áreas caracterizadas pela contigüidade das edificações e pela existência de equipamentos públicos, urbanos e comunitários, destinados as funções de habitação, trabalho, recreação e circulação.

As áreas mistas são aquelas que concentram atividades complementares à função residencial, subdividindo-se conforme os usos permitidos nas áreas:

AMC (onde predominam as atividades comerciais), MAS, AS, AMR.

AMC – adequado tanto para centro cultural quanto para centro comercial.

LIMITES DE OCUPAÇÃO

Lote mínimo – 1020m²

Testada mínima – 30m

Número máximo de pavimentos – 12 a 18

Índice de Aproveitamento máximo – 3,0

Taxa máxima de ocupação – (G) (A)

Densidade média hab/há – 1095